

# XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR

## II SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG



ÉTICAS E RELIGIÕES EM TEMPOS DE CRISE - NOV. 2021



### Sexualidade e religião na academia americana

Pablo Vinicius Napoli<sup>1</sup>  
Vanda Fortuna Serafim<sup>2</sup>

O presente artigo é resultado de uma pesquisa que pretendeu compreender e sistematizar o estado da arte relativo à *Metropolitan Community Church*, discutindo textos acadêmicos estadunidenses do ano de 1974 até 2019.

A *Metropolitan Community church* (MCC), ou, no Brasil, Igreja da comunidade metropolitana, proclama ser a primeira e maior igreja inclusiva do mundo, com igrejas em mais de 20 países pelo mundo, fornecendo assim material de estudo e problemáticas que poderão servir de base para o entendimento da trajetória dessa igreja, ou de forma mais abrangente do fenômeno das igrejas inclusivas e da relação entre sexualidade e religião na metade final do século XX.

Por igrejas inclusivas se entende igrejas que se voltam para o público queer. Esse fenômeno se iniciou nos EUA na década de 1970 e no Brasil nos anos 2000.

Pretende-se assim contribuir para a discussão nas “regiões silenciosas” de que fala Certeau (2011), ou seja, expor algo que ainda foi pouco explorado pela bibliografia brasileira, onde há pouca discussão aprofundada sobre o fenômeno americano. Pretende-se então buscar outra referência e outro recorte para que se possa operacionalizar um trabalho que contribua para a discussão.

---

<sup>1</sup> Graduando em história pela Universidade Estadual de Maringá e membro do grupo de pesquisa em História das Crenças e Ideias Religiosas (HCIR/DHI/UEM). Atualmente realizando iniciação científica intitulada "Pesquisa e compreensão da bibliografia sobre o tema das igrejas inclusivas com o foco na Igreja da Comunidade Metropolitana", sob orientação da professora doutora Vanda Fortuna Serafim. E-mail: ra111441@uem.br

<sup>2</sup> Possui doutorado em História Cultural (Universidade Federal de Santa Catarina); Mestrado e graduação em História (Universidade Estadual de Maringá). É professora adjunta da Universidade Estadual de Maringá e docente do curso de História e do programa de Pós-Graduação em História (PPH-UEM). Líder do Núcleo de Pesquisa em história religiosa e das religiões (CNPq). E-mail: vfserafim2@uem.br

## A REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Após a leitura e sistematização das obras, foi possível perceber a prevalência de trabalhos de cunho etnográfico, o que contribuiu para um enfoque das pesquisas em comunidades locais que não se relacionavam de forma sistemática entre si, constituindo uma bibliografia dispersa e desconexa, onde falta a referência de um trabalho com um olhar mais abrangente. Segundo Rodriguez (2009):

Enquanto a literatura da pesquisa psicológica de gays e lésbicas cristãos é rica e continua expandindo, também é bastante fragmentada – consistindo majoritariamente de estudos com amostras pequenas que focam especificamente em subgrupos específicos dentro do fenômeno. (Rodriguez, 2009, p. 5, tradução nossa).

Apesar de seu caráter disperso, que impossibilita uma análise mais sistemática, isso nos permite ver claramente a evolução dos conceitos utilizados e a mudança da visão em relação às comunidades estudadas ao longo do tempo.

Considerando a produção em ciências humanas como uma prática e um discurso que depende também das ideologias presentes, ou seja, “Aquilo que desaparece do produto, aparece na produção” (Certeau, 2011, p. 18), há, portanto, uma historicidade da história, ou das ciências humanas. Com isso se conclui que ela muda ao longo do tempo, o que com a bibliografia sobre a MCC mostra que, conforme vai se avançando em diversos entendimentos relativos à sexualidade e religião o modo como a academia trata vários aspectos vai se modificando.

Temos estudos tão antigos quanto 1974 e tão recentes quanto 2019. Algo notável é que, apesar do espaçamento temporal e bibliográfico entre as obras, algumas questões que aparecem em *The gay church*<sup>3</sup> (Enroth; Jamison, 1974) e *The homosexual subculture at worship*<sup>4</sup> (Bauer, 1976) também aparecem em *Queer liveability* (Cuthbert; Taylor, 2019). No entanto, o modo como se abordam essas questões muda consideravelmente com o tempo, sendo que, nas primeiras pesquisas, a MCC não é nem considerada uma igreja, só obtendo esse status na pesquisa acadêmica com Warner (1995). Os conceitos tendem a mudar de acordo com o que foi exposto no artigo de Rodriguez (2009), com o tempo foi se desenvolvendo uma maior

---

<sup>3</sup> A igreja gay (tradução nossa)

<sup>4</sup> “A cultura homossexual em adoração: um estudo de observação participante”. (tradução nossa)

sensibilidade e complexidade com relação às igrejas inclusivas, o que levou a uma revisão dos conceitos utilizados.

Uma das observações que resistiu ao tempo foi à capacidade da MCC de fornecer um lugar seguro para que se exerçam as duas identidades, a sexual e religiosa. Para Bauer (1976) a MCC fornece respeitabilidade religiosa e aceitação social a um grupo que necessitava de uma fuga para a opressão sofrida. Para Warner (1995) a MCC é uma típica igreja americana, ou seja, é um espaço de legitimação social de um grupo dentro do sistema de denominações. Segundo o autor: “Perry e seus seguidores iniciais tiveram a audácia de clamar para os homossexuais o espaço social dado para grupos subculturais pelas igrejas americanas”<sup>5</sup> (WARNER, 1995, p. 89, tradução nossa). Para o autor, o fato da MCC ser pentecostal é uma de suas maiores vantagens: “gay cristãos como Troy Perry não esqueceram a tradição evangélica; eles acham em sua variante pentecostal uma visão de graça com a qual subjugar a lei”<sup>6</sup> (Warner, 1995, p. 87, tradução nossa).

Em *Queer liveability* (Cuthbert; Taylor, 2019) e no artigo de Rodriguez (2000, 2009) a perspectiva sai do aspecto do conjunto social e da opressão sofrida pelo mesmo para uma análise mais individual, seguindo a corrente geral do cenário religioso retratado em *American mainline religion* (Mckinney; Roof, 1986). A MCC seria um lugar seguro onde se poderia efetuar a integração de identidades ou mesmo um lugar de auxílio para a “jornada espiritual” realizada por seus membros. De qualquer modo, todos os autores observam o aspecto do acolhimento e integração em uma comunidade como um dos aspectos positivos presente na igreja.

Algumas das problemáticas aparecem de forma simples nos primeiros trabalhos e vão se tornando mais complexas conforme o contexto externo e interno vão sofrendo mudanças. Em *The gay church* (Enroth; Jamison, 1974) e *The homosexual culture at worship: a participation observation study* (Bauer, 1976) é possível observar como os autores vão construindo uma dicotomia hétero/gay ou igreja gay/igreja hétero. Isso é um fato que se repete até os dias atuais, com a imprensa denominando a MCC de “igreja gay” ou “igreja LGBT”. Apesar de ser uma

---

<sup>5</sup> “Perry and his early followers had the audacity to claim for homosexuals the social space given over to subcultural groups through american churches”, no original

<sup>6</sup> “Gay christians like Troy Perry have not forgotten the evangelical tradition; they have found in its pentecostal variant a vision of grace with wich to subdue a judgment of law”, no original.

afirmação que simplifica os diferentes níveis de aceitação das diferentes instituições religiosas, ainda é uma fala que acompanha vários trabalhos acadêmicos e aparições na mídia da MCC.

A questão era mais simples nos tempos de Bauer (1976), já que, como Wilcox (2001) relembra, a quase totalidade das igrejas cristãs rejeitava a presença homossexual ou negavam qualquer participação ativa a esse grupo. No entanto, essa situação muda, Cadge (2002) relata que quase todas as organizações da *mainline* têm programas ou grupos voltados para o público LGBTQIA+.

Frente a esse novo panorama, a discussão sobre uma “igreja gay” se torna mais complexa, com uma terceira opção adicionada. Questões que antes permaneciam adormecidas, pela própria falta de concorrência sobre a MCC, começam a aparecer.

Vale deixar claro que a MCC, apesar de ser dizer um “amor que inclui a todos”, é uma “igreja gay”, o que se reflete também em seu público, composto em sua quase totalidade por pessoas *queer*. A instituição tem como foco o essencialismo, como diria Warner (1995), no sentido de que afirma a necessidade de existência de uma igreja voltada para o público homossexual.

Com todas essas questões e mudanças começa um debate sobre inclusão dentro uma igreja voltada apenas para um público e a necessidade de uma “igreja gay”, que se apega a dicotomia hétero/gay. Essa discussão é levantada por Enroth e Jamison (1974) e houve (ainda há) um debate interno sobre o propósito e necessidade de existência da instituição. A igreja inicialmente havia sido fundada tendo como um de seus objetivos a aceitação perante outras instituições, o que foi atingido, em parte.

O termo “igreja gay” aqui utilizado não pretende desqualificar a MCC como grupo religioso, mas reconhecer que sua unidade e coesão se dão, em parte, pela identidade sexual de seus membros e não por uma tradição histórica ou teológica, como abordado em *The gay church* (Enroth; Jamison, 1974), já que a igreja se compõe de membros de diferentes tradições, levando a situações onde um culto ao estilo católico era performado no sábado e um de forte marca pentecostal no domingo.

Isso é discutido no artigo *Queer liveability* (Cuthbert; Taylor 2019), com os membros da comunidade inglesa sentindo a falta de uma tradição ao estilo que

encontram em outras instituições tradicionais. Essa discussão se torna mais pertinente no cenário atual, dado que os membros podem e participam das igrejas tradicionais.

Voltando a questão do essencialismo, temos o artigo *Metropolitan community churches and the gay agenda: The power of pentecostalism and essentialism*<sup>7</sup> (Warner, 1995). Na visão do autor o principal papel da MCC é o da legitimação da homossexualidade como algo inato e criado por Deus. A MCC aparecia fazendo o papel descrito por Bourdieu (2007) para uma igreja, legitimar o arbitrário. Vale lembrar que na época havia pouca informação sobre a homossexualidade e um grande debate sobre ser um fenômeno social ou biológico, ou seja, uma escolha ou algo inato do ser.

Essa posição parece ser reforçada pelo caráter pentecostal da MCC nos seus primeiros anos, o que conferiu um papel da graça e do espírito santo, que segundo Warner (1995), contribui para uma revelação que rompesse a lei estabelecida.

O caráter pentecostal da MCC aparece como uma das questões mais intrigantes para os autores, que não conseguem entender como uma igreja formada por homossexuais optou por esse estilo de pregação que era visto como conservador.

Outra observação importante para o estudo das igrejas inclusivas foi o papel atribuído a Perry e a MCC na luta por direitos. Isso se deve também ao papel reservado a igreja nos EUA, como um espaço social de legitimação de determinados grupos, como visto em *American mainline religion* (Mckinney; Roof, 1986). Nos EUA temos igrejas para negros ou latinos, por exemplo.

## **REVISÃO CRÍTICA DA BIBLIOGRAFIA**

Um dos primeiros passos de qualquer pesquisa é assegurar a compreensão do estado da arte, de forma a melhor compreender o próprio objeto estudado e a ver de que forma se pode contribuir para o debate.

Porém, mais do que trazer uma perspectiva da academia americana, é intuito da pesquisa operacionalizar a construção de um sentido entre a mesma. No entanto,

---

<sup>7</sup> Igrejas da comunidade metropolitana e a agenda gay: o poder do pentecostalismo e essencialismo". (tradução nossa)

ao tentar operacionalizar um processo de “costura”, a historicidade da escrita acadêmica fica clara. Ao observar os conceitos utilizados pela sociologia e psicologia para tratar os novos fenômenos relacionadas a sexualidade e religião que apareciam nos anos 60/70 fica claro que a sociedade mudou a um passo maior do que a teoria sociológica conseguiu acompanhar.

Hervieu-Léger (2015) nos atenta que o aparato conceitual da sociologia religiosa foi construído tendo como base modelos institucionalmente sólidos, como a igreja católica, e que esses modelos não conseguem mais abranger a mobilidade e dispersão da modernidade religiosa e nem sequer classifica-la, levantando-se a dúvida sobre o que é propriamente religião.

Para autores como Enroth e Jamison (1974) e Bauer (1974), é evidente que o estatuto de igreja da MCC seria algo altamente contestado. Para além da questão da visão sobre a sexualidade, ainda imatura e preconceituosa, o aparato de conceitos que foi disponibilizado para os autores era derivado de uma análise baseada nas igrejas históricas americanas ou nas grandes religiões mundiais. Com essa base teórica fica claro o alto teor de contestação do que é considerado religioso ou não, já que os modelos teóricos não conseguem dar conta das mudanças rápidas e de um novo tipo de relação entre a instituição e o indivíduo.

Segundo Hervieu-Léger (2015): “É preciso lembrar-se que, na época, dificilmente se imaginaria fazer uma sociologia da religião de outra maneira que não através do empenho em “reduzir” a religiosidade ao conjunto de determinações sociais da religião” (Hervieu-Léger, 2015, p.19), leia-se a sociabilidade das “grandes religiões”.

Trata-se, no entanto, de um tempo marcado pela crise das instituições tradicionais e de sua gestão da “memoria autorizada”, “O que caracteriza o tempo atual não é a mera indiferença com respeito a crença, mas a perda da sua regulamentação por parte das instituições tradicionais produtoras de sentido” (Hervieu-Léger, 2015, p. 9).

A modernidade religiosa tem uma dinâmica de movimento, mobilidade e dispersão das crenças. Não se vê uma crise do religioso em si, mas do religioso representado pela *mainline*. Nessa caracterização do individualismo religioso moderno temos uma explicação mais teoricamente concisa do que a encontrada em

livros sociológicos da época, como em *American mainline religion* (Mckinney; Roof, 1986)

A autora também nos traz uma perspectiva que nos dá conceitos que permitam a compreensão da nova relação do crente com a comunidade religiosa:

Os indivíduos constroem sua própria identidade socioreligiosa a partir dos diversos recursos simbólicos colocados a sua disposição, e/ou aos quais eles podem ter acesso em função das diferentes experiências em que estão implicados. A identidade é analisada como o resultado, sempre precário e suscetível de ser questionado, de uma trajetória de identificação que se realiza ao longo do tempo (Hervieu-Léger, 2015, p. 64).

Esses conceitos elaborados por Hervieu-Léger (2015) demonstram ser um aparato conceitual que permite reelaborar varias das conclusões encontradas na bibliografia de forma a construir um sentido da experiência do crente na MCC. O próprio conceito de trajetória individual ou de *spiritual journey*, como aparece em *Queer liveability* (Cuthbert; Taylor, 2019), fica muito mais claro quando se tem em mente essa nova relação do individuo com a comunidade, como suporte da jornada individual. Isso se aplica a quase todos os textos etnográficos, que caracterizam a MCC como “safe place”, tais como Bauer (1976), Warner (1995), Wilcox (2001), Rodriguez (2000, 2009) e Cuthbert e Taylor (2019).

A questão de ser uma igreja que se intercala com um movimento social que envolve diretamente a sexualidade também torna a visão dos autores “inebriada”, assumindo conceitos relacionados com a sexualidade para os desvios que apareciam nos seus próprios modelos teóricos.

Isso se demonstra na divisão que Bauer (1976) faz entre os membros ativos (participantes regulares) e os *cruisers* (participantes ocasionais), que o autor constrói com base no conceito homogeneizante de uma subcultura homossexual hipersexualizada. Se olharmos para os conceitos de convertido, como aquele que assume uma nova fé e aparece como tipo ideal para as instituições (devido a seu comprometimento), e do peregrino, como aquele que:

Emerge como uma figura típica dos percursos espirituais individuais, percursos que podem, em certas condições, organizar-se como trajetórias de identificação religiosa. Em seguida, corresponde a uma forma de sociabilidade religiosa em plena extensão que se estabelece, ela mesma, sob o signo da mobilidade e associação temporária (Hervieu-Léger, 2015, p. 89)

Temos então um panorama que em vez de atribuir a divisão a sexualidade, atribui a um novo tipo de sociabilidade religiosa do crente moderno. Isso não é negar que o papel que a “cena gay” ou a condição sexual estigmatizada socialmente assume na organização da MCC, mas ter noção que essa influência assume uma forma propriamente religiosa, como explicitado no conceito de alquimia religiosa de Bourdieu (2007). O que parece fora de lugar não é propriamente a análise que envolva a condição sexual estigmatizada como base, mas um entendimento do indivíduo homossexual como resumido apenas a sua sexualidade.

A questão tão levantada do enigma do pentecostalismo em uma “igreja gay” parece fundada na divisão sexualidade/religião como coisas excludentes, o que é reforçado pela assumpção de uma teoria da secularização que assume linhas ideológicas sem se questionar realmente sobre os fundamentos dessas linhas. Aqui se vê uma dúvida fundada mais em um desvio do modelo teórico pré-estabelecido do que em uma observação do objeto, é o sujeito construindo o objeto.

Bauer (1976) é o exemplo mais evidente dessa divisão sexualidade/religião, que opera na lógica das igrejas de dividir entre o sagrado e o profano, mas essa divisão aparece em quase todos os trabalhos. Conforme afirma Rodriguez (2009), a assumpção de conflito e divisão entre as personalidades sexual e religiosa é a norma.

Apesar de a todo o momento serem ressaltadas as tendências pentecostais da adoração na MCC, nenhum autor se preocupa em definir propriamente o que essas tendências trazem de importante para a discussão, como a distribuição do carisma.

De forma geral os autores ficam presos, ou na definição das linhas ideológicas, identificando pentecostalismo com conservadorismo, ou assumem que funciona como legitimador da condição social, sem explicar a especificidade do pentecostalismo nessa dinâmica.

O próprio conceito de hibridismo levantado por Wilcox (2001) ao tentar fugir da definição de Bauer (1976), do pentecostalismo como fuga de uma população em exclusão, recai novamente em uma divisão entre sexualidade e religião.

Embora se reconheça o papel da religião de trabalhar com bipolaridades como sagrado e profano, e a MCC como produtora ativa e consciente da bipolaridade igreja gay/igreja hétero (mesmo que em seu discurso oficial seja uma igreja para

todos), parece que os pesquisadores supervalorizam essa dicotomia e o próprio modelo de divisão ideológica construído.

Para entender como esses processos de divisão e dicotomização acontecem é válido se valer de Certeau (2011) em sua análise da etnologia. Segundo o autor, “As experiências novas de uma sociedade não desvelam sua “verdade” através de uma transparência desses textos: são aí transformados segundo as leis de uma representação científica própria da época.” (Certeau, 2011, p. 224).

Os primeiros relatos sobre a MCC mostram uma resistência dos autores em “ouvirem seu objeto”, preferindo recorrer aos paradigmas teóricos já estabelecidos, reforçando a divisão lá e cá da etnografia, ou seja, recorrendo a uma “atividade tradutora” na linguagem psicológica/sociológica. Essa estranheza se dá muito pelo fato da utilização de conceitos homogeneizantes como subcultura que formavam uma imagem de um mundo a parte, “a cena gay”, o que acabava criando uma “estetização do selvagem”, ou seja, criando a imagem do homossexual como hipersexualizado. (Certeau, 2011)

Essa divisão lá e cá ainda faz com que os autores construam uma divisão na MCC e a encarem como um Frankstein. Certeau (2011) descreve como “espelhos quebrados” a descrição de Jean Lery dos animais americanos, “meio vaca, meio mula”. Os autores parecem entender a MCC segundo esses conceitos, “meio gay, meio religioso, meio pentecostal”, “meio igreja, meio protesto”. Isso é uma espécie de retorno que não reconhece a alteridade, “Uma parte do mundo aparecia inteiramente outro é reduzida ao mesmo pelo efeito da decalagem que desloca a estranheza para dela fazer uma exterioridade atrás da qual é possível reconhecer uma interioridade, a única definição de homem” (Certeau, 2011, p. 238).

Além de criticar o que a bibliografia diz, é útil ressaltar aspectos sobre o qual o recorte da maioria dos trabalhos não permite a sistematização, ou seja, o que ela não diz. A bibliografia encontra seu ponto cego em seu aspecto micro social, ou na linguagem de Bourdieu (2007): “A análise da estrutura interna da mensagem religiosa não pode ignorar impunemente as funções sociologicamente construídas que ela cumpre, primeiro, em favor dos grupos que a produzem e, em seguida, em favor dos grupos que a consomem” (Bourdieu, 2007, p. 43)

Isso não quer dizer que tenhamos que recair no objetivismo de Bourdieu (2007) como contraponto a etnografia da comunidade local, mas que utilizar de uma análise mais macrossocial seria produtivo para o debate, permitindo sistematizar questões que se encontram soltas em uma análise local e com isso perceber que os estados das estruturas culturais e políticas contribuíram fortemente para o que é e foi a MCC.

Um passo importante ao ler Bourdieu (2007) e Weber (2004) é perceber a importância atribuída ao sistema religioso, ou seja, a atuação dos agentes especializados. Isso é um buraco na bibliografia, já que análises de Perry como profeta são vagas e o culto, que a maioria dos autores caracterizam como pentecostal, recebe pouca definição. Seria pertinente observar como se dá a relação entre o líder carismático e os leigos no pentecostalismo, de que forma suas demandas são atendidas e como o carisma se encaixa nesse esquema, tendo em vista o caso específico da MCC.

Também ter em vista que os sacerdotes das igrejas estabelecidas têm como um de seus deveres ditarem o sagrado e o profano, o que fica muito claro na questão sexual, que é tratada como desviante, é importante para analisar a MCC ou a figura de Perry como profeta, além de ter em mente os movimentos sociais dos anos 60/70 que questionavam essa divisão.

Warner (1995) é o que chega mais perto desse tipo de análise, definindo a MCC como uma “igreja tipicamente americana”, vendo a mensagem a MCC como forma de legitimação de uma condição social e Perry como um empreendedor religioso de sucesso.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao sistematizar a bibliografia sobre a MCC é preciso que se considerem em conjunto todos os fatores, para não cair novamente no erro da bibliografia de observar religião e sexualidade como duas identidades irremediavelmente em conflito.

Tendo avistado então esses déficits em relação à bibliografia é agora função do historiador, e do pesquisador em geral, é se colocar no limite do conhecimento, de abranger as “regiões silenciosas”, ou seja, de trabalhar para produzir novos

conhecimentos ou revisar o conhecimento tendo em vista novas evidências. Isso, claro, levando em conta a produção de saber “localizada” que se efetua até o momento. Aqui se entende a função acadêmica da história como algo que “Intervém a maneira de uma experimentação crítica dos modelos sociológicos, econômicos, psicológicos” (Certeau, 2011, p. 80). Ainda segue “A representação não é histórica senão quando articulada com um lugar social da operação científica e quando institucional e tecnicamente ligada a uma prática do desvio, com relação aos modelos culturais ou teóricos contemporâneos”. (Certeau, 2011, p. 89)

## REFERENCIAS

BAUER, P. The homosexual subculture at worship: a participant observation study. *Pastoral psychology*, v. 25, n. 2, 1976, p. 115-127.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CADGE, Wendy. Vital conflicts: The mainline denominations debate homosexuality. In: WUTHNOW, Robert (Org); EVANS, John (Org). *The quiet hand of God: Faith-based activism and the public role of mainline Protestantism*. Berkeley: University of California Press, 2002, p. 265-286.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

CUTHBERT, K; TAYLOR, Y. Queer liveability: inclusive church-scenes. *Sexualities*, v. 22, n. 5-6, 2019.

ENROTH, Ronald M; JAMISON, Geraldo E. *The gay church*. Grand Rapids: Eerdmans, 1974.

HERVIEU-LÉGER, Danielle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.

MCKINNEY, William; ROOF, Wade C. *American Mainline Religion: its changing shape and future*. New Jersey: Rutgers University press, 1986. Paginação irregular.

RODRIGUEZ, E. At the intersection of church and gay: a review of the psychological research on gay and lesbian Christians. *Journal of homosexuality*, v. 57, n. 1, 2009. p. 5-38.

\_\_\_\_\_, E, OUELLETTE, S. Gay and lesbian Christians: homosexual and religious identity integration in the members and participants of a gay-positive church. *Journal for the scientific study of religion*, v. 39, 2000, p. 333-347.

WARNER, R Stephen. The metropolitan Community churches and the gay agenda: the power of Pentecostalism and essentialism. In: BROMLEY, David G; GOLDMAN, Marion S; NEITZ, Mary J. Sex, lies, and sanctity: religion and deviance in contemporary north America. Bingley: Emerald, 1995, p. 81-108.

WEBER, Max. A ética protestante e o "espírito" do capitalismo. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

Wilcox, M. Of markets and missions: the early history of the Universal Fellowship of Metropolitan Community Churches. Religion and American culture, v. 11, n. 1, 2001, p. 83-108.